

## AS VÁRIAS MARGENS DE UM RIO NO IMAGINÁRIO DE GUIMARÃES ROSA E SERGIO FARACO

GRACIELE MACEDO PEDRA<sup>1</sup>  
JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – pedragraciele86@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – jlourique@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a analisar comparativamente os contos “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa, que traz a imagem do rio representada em suas três margens através das águas que se projetam, e “Travessia”, de Sergio Faraco, que deposita no rio sua chance de sobrevivência. A imagem do rio se traduz como o principal símbolo representativo da narrativa em ambos os contos, permitindo o vagar dos autores que falam do mundo e da imensidão íntima.

### 2. METODOLOGIA

O estudo se evidencia como uma pesquisa de cunho bibliográfico, adotando uma abordagem comparatista para analisar as obras “A terceira margem do rio” e “Travessia”, aproveitando as chaves de leitura de Antonio Cândido (2004), Gaston Bachelard (2002) e Sandra Nitrini (1997). Procurando estabelecer pontos de contato, através desses intelectuais, que ampliem a reflexão sobre a produção dos autores, mineiro e gaúcho, projetando um olhar que flagre as experiências humanas através das várias margens de um rio no imaginário de Guimarães Rosa e Sérgio Faraco.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conto “A Terceira margem do rio”, do escritor mineiro João Guimarães, chama atenção logo de início por seu título que possui várias interpretações e análises, além de motivar algumas reflexões acerca da imagem de um rio em três margens que traz os segredos de uma alma. Pode-se traçar um panorama comparativo com o conto “Travessia”, do escritor gaúcho Sergio Faraco, com base na renovação de um imaginário sobre a tradição, sobre a história dos antepassados, amparada num resgate memorialístico. Há, nas obras, a presença do entrecruzamento de um rio que separa a vida da morte, apontando quem seguirá à margem e quem permanecerá à deriva do tempo, da vida e da sociedade.

É possível observar que o conceito de espaço é orientado e baseado pela ciência da cultura que é desenvolvida por um processo social, relacionando a ciência da literatura com a ciência da cultura de uma região, visto como algo experienciado. Antonio Cândido (2004), na sua obra “Recortes”, esclarece a não separação entre o interno à obra e o seu supostamente exterior, enfatizando que o elemento externo se torna parte da mesma, vinculando-se a sua estrutura interna.

Para Sandra Nitrini (1997) por mais amplo que se desenhe o campo de estudos e por mais variadas que sejam as opiniões sobre o objeto, o método e a finalidade da literatura comparada, uma questão modular congrega todas as

discussões em torno do conceito de influência, seja para substituí-lo por um novo conceito, como a da intertextualidade ou para renová-lo dentro do contexto da teoria da recepção. Os estudos de recepção procuram destacar a atividade daquele que recebe mais do que a atividade potencial do objeto a ser recebido, de modo que a relação obra-leitor passe a constituir um caráter fundamental do fato literário. Daí a noção de recepção ter um duplo sentido: apropriação e troca.

Os dois contos são narrados em primeira pessoa, a partir das experiências de dois meninos. O episódio narrado em “Travessia”, por um *guri* que acompanha o tio na travessia do rio Uruguai com uma chalana carregada de encomendas, indica que era sua estréia no contrabando de pequeno porte, na luta pela sobrevivência. Dona Zaira esposa de André Vicente, o contato do lado argentino do rio, tratava-o como criança, mas não se sabe ao certo a idade do menino. O tio e o sobrinho foram recebidos no rancho, que ficava no meio de um matinho, com um carreteiro de milho, enquanto ouviam o Tio Joca contar velhas histórias de lutas dos chibeiros contra os fuzileiros do Brasil, legitimando Heróis, reforçando a identidade daqueles homens e preservando a gauchidade. O tio e o menino se submetem a muitos perigos, mas se faziam, era porque estavam *precisados*. A luz vermelha do “bote dos maricas”, como o tio apelidou o lanchão dos fuzileiros, piscava sob a névoa e o guri ficou encarregado de avisar quando ela se mexesse, além de cuidar da encomenda. Mas estava escrito: aquela travessia se complicava, tio Joca mandou jogar toda encomenda no rio e o menino lamentou o tesouro inteiro mergulhado e junto com ele a garantia de sobrevivência até o próximo mês.

Teso, imóvel, ele olhava para o rio, para a sombra densa do rio, os olhos dele brilhavam na meia-luz da popa e a gente chegava a desconfiar que ele estava era chorando. Mas não, Tio Joca era um forte (FARACO,2011,p.49).

Já o menino da terceira margem do rio não poderia esquecer a partida do pai, que decidiu viver o resto de seus dias numa pequena canoa.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalhou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beiço e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na gruta do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa (ROSA,2005,p.78).

O impressionante mistério do ser que vive na terceira margem de um rio, nos envolve durante todo conto. “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar.” (ROSA, 2005, p. 78). Através do espaço é possível conhecer a imagem em sua origem, em sua essência, sua pureza. Quando se lê um texto literário, a imagem construída através dele tem significado em si mesma, no momento presente e de maneira distinta para leitor, como afirma Gaston Bachelard (2002).

As águas do rio aparecem como símbolo universal de vida “...o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre” (ROSA, 2005, p. 77), “...ouvia sim aquele som difuso e melancólico que vinha das barrancas do rio depois da chuva, canto dos grilos, coaxar de rãs e o rumor do rio nas paredes de seu leito” (FARACO,2011, p.49) e “a Água é não mais o vão destino de um sonho que não se

acaba, mas um destino especial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser" (BACHELARD, 2002, p.06). Torna-se evidente nas descrições, o amor e a capacidade de encontrar nos pequenos espaços, moléculas de mundo que permitem o vagar na narração dos autores que falam do mundo e da imensidão íntima. Ambos tem por objetivo alcançar o homem em sua integralidade. A tentativa de enxergar um herói na figura do pai e do tio, fragilizados, traz o drama essencial entre si mesmo e o mundo. Bachelard, ainda, afirma que o exterior só é entendido quando transformado em interior, o homem ao deparar-se com a imensidão transforma-a em intimidade, assim não é possível atingir o imenso senão pelas experiências. O não-ser e ser nesse entre-lugar onde acompanhamos pelos olhos da criança, que cresce ao longo da história, o devaneio do pai que alimenta a imaginação com a imagem de um rio em três margens e a busca pela sobrevivência do pobre menino marginado na fronteira, que não se situa em nenhum dos pólos, nem na borda, nem no centro permanecendo distante.

#### 4. CONCLUSÕES

Aqui foi apresentada uma metodologia comparatista, na tentativa de suprir, considerando ainda as limitações deste trabalho, uma lacuna na produção acadêmica, que pouco aborda, paralelamente, os dois autores. Por tal viés, as obras de Guimarães Rosa e Sergio Faraco contribuem significativamente para garimpar a simbologia da margem, por tratar-se de dois contos inconclusivos, os narradores, encontram-se às margens de um rio na tentativa de enxergar heróis nas figuras do pai e do tio. Este estudo tem caráter introdutório e aponta para futura pesquisa, que se desenvolverá centrada na mesma temática.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. **A água e os sonhos- Ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Flores, 2002.

BUHLER, A. M. C. As margens do devaneio: uma análise do conto “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa. **Graphos**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 59-62, 2006.

CANDIDO, A. **Recortes.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

FARACO, S. **Contos completos.** Porto Alegre: L & PM, 2011.

KAHMANN, A. C. **Fronteira, identidade, narrativa: tradição e tradução em Sergio Faraco.** 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NITRINI, S. **Literatura comparada, história, teoria e crítica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

ROSA, J. G. **Primeiras Estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.